

*A capoeira e o mundo do
trabalho: embates acerca
da profissionalização*



A CAPOEIRA E O MUNDO DO TRABALHO: EMBATES ACERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO

RESUMO

A capoeira atualmente se vê disseminada pelos mais diversos grupos sociais brasileiros, estando presente em mais de 150 países. Todo o desenvolvimento e crescimento da capoeira (esportiva ou não) chamaram a atenção de diversos grupos interessados em partilhar os louros desse momento, o que levou aos debates sobre a regulamentação de seu ensino. O presente trabalho busca analisar os embates acerca da profissionalização da capoeira, tendo em vista os interesses dos diversos grupos sociais atuantes nesse processo: Escolas e grupos de capoeira, muitas vezes com projetos distintos para ela; o Estado brasileiro; e os Conselhos Nacional e Regionais de Educação Física, entre outros. Apesar de ser uma demanda nova dos capoeiristas, ela dialoga com diversos momentos históricos trazendo estreita relação com os anos 1930 e 1940, quando foram criadas as Escolas Regional e Angola, efetivando-se uma institucionalização da prática.

PALAVRAS-CHAVE

Capoeira; Profissionalização; História.

Vivian Fonseca¹

A CAPOEIRA E O MUNDO DO TRABALHO: EMBATES ACERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO

Presente em mais de 150 países, a capoeira é, hoje, um produto de exportação, trazendo milhares de estrangeiros todos os anos para o Brasil. Oferecida em creches, escolas, academias e clubes, a capoeira aparece como uma atividade em plena expansão na sociedade brasileira, muitas vezes colocada como diferencial e servindo de chamariz em muitos desses locais. Porém, se atualmente é lugar comum pensar na capoeira como uma atividade amplamente praticada e bem recebida em diversos espaços, em outros momentos históricos do nosso país não era essa a relação existente. Durante todo o século XIX, os capoeiras foram perseguidos pelo Estado, sendo a capoeira oficialmente criminalizada em 1890, no Código Penal da República. Durante o período imperial brasileiro, ela não foi oficialmente crime, porém foi alvo de intensa perseguição. Ao mesmo tempo, os capoeiras, ainda durante o Império, aliaram-se a grupos políticos diversos, mostrando que, mesmo ao longo do período de perseguição, diferentes significados foram atribuídos a ela.

Após o período de intensa perseguição, ainda no início do século XX, a capoeira começou a constar no cerne dos debates sobre identidade nacional, colocando a prática como manifestação genuinamente brasileira e, por isso, devendo ser valorizada e estimulada. Nos anos 1930, com Getúlio Vargas no poder, aprofundando-se ao longo do Estado Novo, passa a operar um novo projeto de construção da identidade nacional. Manifestações de origem negra e mestiça, antes vistas como sinais de atraso, eram então percebidas como traços específicos da nossa nacionalidade, que marcariam a diferença em relação aos outros

¹ Mestre e doutoranda em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/ FGV e pesquisadora do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer/ UFRJ.

povos, contribuindo para a formulação de um sentimento de identificação entre os brasileiros. As décadas de 1930 e 1940 marcam o início da expansão da capoeira no país a partir da criação das duas grandes Escolas de capoeira existentes até os dias de hoje: Regional e Angola. Foi a partir desses modelos que a capoeira começou a ganhar espaço e visibilidade na sociedade e passou a aparecer em um formato que procurava se desvincular de estigmas como malandragem e vagabundagem, aos quais esteve atrelada durante todo o século XIX e início do XX. Essas duas Escolas também protagonizaram disputas acerca de qual seria a mais verdadeira, ou seja, a que guardaria maior relação ou continuidade com a capoeira jogada pelos negros nos tempos da escravidão. Com o surgimento de diversos outros grupos e estilos, muitos deles fazendo uma mistura das Escolas citadas, como é o caso da Capoeira Contemporânea, essas disputas vão se intensificar.

As décadas seguintes, principalmente a partir dos anos 1960, assistiram a intensos debates relativos à capoeira. Durante os Governos Militares (1964-1985), procurou-se regulamentar a prática como esporte, vinculando-a à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) e reconhecendo-a oficialmente como tal em 1972. A posição dos capoeiras nessas questões não foi, mais uma vez, consensual. Alguns grupos aderiram às propostas dos militares, até mesmo se filiando às Confederações de Pugilismo de seus estados por meio do Departamento Especial de Capoeira, subordinado à CBP. Outros continuaram jogando capoeira, ignorando as determinações dos órgãos supracitados, como, por exemplo, o uso de uniformes brancos e graduações em formato de cordel e nas cores da bandeira nacional. Igualmente nesse período, a capoeira iniciou seu processo de expansão pelo exterior, a princípio para os EUA e Europa e, posteriormente, para outras localidades como Japão, Israel e países da África. Esse processo se mostra importante para entendermos como a capoeira se configurou atualmente, seja pela grande visibilidade que a prática conseguiu a partir desse momento e, também, pela abertura de novos mercados estrangeiros que passaram a atrair capoeiristas de diversas partes do Brasil. Em consequência desse processo, assiste-se à intensificação das disputas pela memória de uma capoeira autêntica: somente os mestres detentores de um saber reconhecido como legítimo são convidados a dar cursos e palestras no exterior, aumentando em muito sua renda. O mesmo

acontece com os discípulos desses mestres, que passam a ser convidados para abrilhantar batizados, *workshops* e demais eventos ao redor do mundo.

Todo o desenvolvimento e crescimento da capoeira (esportiva ou não) no Brasil e no exterior chamaram a atenção de diversos grupos interessados em partilhar os louros desse momento. Muitos procuraram se colocar como líderes e falar pelos capoeiristas tentando e, muitas vezes, influenciando na maneira pela qual os grupos de capoeira se organizam e pensam sua arte. Passados quase trinta anos das mortes dos Mestres Bimba e Pastinha, ícones das Capoeiras Regional e Angola, respectivamente, assiste-se a uma continuidade das tensões na disputa pela memória da capoeira autêntica. A categoria herdeiro, que ao longo do século XX passou a ser de fundamental importância para se entender a capoeira, ganha cada vez mais força a partir das últimas décadas do século XX. Os herdeiros de tradições reconhecidas como legítimas, além de serem chamados a ministrar palestras e cursos pelo Brasil e pelo exterior, tornam-se os mestres beneficiados por editais que têm a finalidade de resgatar e “recuperar a memória de práticas genuinamente brasileiras”.² As questões internas continuam a dividir e a provocar tensões no meio da capoeira, mobilizando determinados vínculos com os mestres do passado e com suas criações. No entanto, nas últimas décadas, mais claramente nos anos 1990, outra tensão tem ganhado destaque no “mundo da capoeira” por todo o país.

Essa tensão tem se evidenciado colocando, de um lado, o Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF) e seus órgãos regionais (CREF) e, de outro, os capoeiristas. O Estado brasileiro, nesse caso, tem se apresentado como um mediador, conciliando interesses de ambos os grupos, assim como os seus próprios, na medida em que, nos últimos anos, a capoeira tem se apresentado como um grande chamariz para a captação de recursos financeiros e divulgação de uma “imagem brasileira” no exterior. Esta tensão

² Como exemplo, pode-se citar o edital do Governo Federal intitulado “Programa Capoeira Viva”. Disponível em: <<http://www.capoeiraviva.org.br>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

existe, pois, em setembro de 1998, foi criada a Lei n. 9.696/98, que regulamenta a profissão de Educação Física e cria os Conselhos Federal e Regionais. Segundo o pesquisador Hajime Nozaki, essa lei não delimita exatamente o que significam áreas de atividades físicas e do desporto, o que fez com que o CONFEF fosse complementando, gradualmente, essas noções por meio de normatizações internas. Ainda conforme Nozaki, essa:

regulamentação da profissão foi apoiada em argumentos corporativistas de reserva de mercado e buscou desqualificar a ação dos assim denominados leigos, os quais, muitas vezes eram outros trabalhadores com formação de nível superior — dança, educação artística, música — ou com qualificação referente aos seus próprios códigos formadores — capoeira, yoga, artes marciais, lutas.³

Nesta empreitada do sistema CONFEF/CREF pela regulamentação do campo de trabalho do profissional de Educação Física, merece destaque a Resolução n. 046/02, que dispõe sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física e define a sua capacitação, suas competências e atribuições necessárias. Esta resolução delimita da seguinte maneira a ação do profissional de Educação Física:

O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações – ginásticas, exercícios físicos, desportos, *jogos, lutas, capoeira*, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento

³ NOZAKI, H. T. *Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão*. 2004. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p. 24.

fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para a consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo.⁴

A partir dessa interpretação do que seria o campo de trabalho relacionado à Educação Física, vieram resoluções que tentavam proibir determinadas categorias profissionais, como os professores e mestres de capoeira, de darem aulas, caso não se filiassem aos CREFS de suas localidades. Na verdade, tentou-se obrigar esses capoeiristas a se graduarem em cursos de Educação Física ou, quando com idade avançada, a realizarem cursos pagos de atualização oferecidos pelo sistema CONFEEF/CREF. Para além disso, iniciou-se uma pressão perante as instâncias governamentais, como Secretarias de Cultura, e de Esporte e Lazer, para que não contratassem para seus projetos sociais professores de capoeira não-filiados ao CREF. Nesses termos, muitos mestres e professores foram impedidos de oferecerem cursos, perdendo espaços de aulas conquistados há muitos anos.

Além da questão econômica, que se mostra importante visto que a maioria esmagadora dos mestres se sustenta com as aulas de capoeira que ministram, estava em jogo quem seriam os verdadeiros detentores dos saberes na capoeira. Os mestres, grosso modo, são entendidos como guardiões máximos dos saberes e tradições da capoeira, a partir dos quais os grupos são formados e organizados. Muito mais que professores ou líderes, os mestres ocupam o lugar de formadores dentro de uma “escola

⁵ Nos trabalhos de campo que realizei e nas cinco entrevistas de história oral feitas com mestres de capoeira até o presente momento, todos os mestres se colocaram radicalmente contra essa imposição. Os Mestres entrevistados foram: Vilmar, Camisa, Russo e Neco; e Contra-Mestre Urubu, do Rio de Janeiro.

de moralidade” própria, que é a capoeira. Seguindo essa linha de raciocínio, não faria sentido para os capoeiristas que um mestre, normalmente com mais de trinta anos de prática de capoeira, devesse se submeter a regulamentações de órgãos externos. A partir dessa lógica do CREF, estariam habilitados para ministrar aulas de capoeira os graduados em Educação Física que, ao longo da graduação, tiveram, quando muito, duas disciplinas de sobre a temática. Esse pensamento se justifica na medida em que a capoeira, nessa visão, é entendida unicamente como luta e, como tal, faria parte do conjunto denominado como atividades físicas, que seriam de responsabilidade do professor de Educação Física.

Enxergando a capoeira a partir da lógica interna dessa prática, no entanto, fica impossível enquadrá-la dentro de um único significado. Os capoeiristas costumam ressaltar que a capoeira é mais que um conjunto de exercícios físicos, compreendendo toda uma vinculação com a tradição, tendo como estruturadora a relação de seus praticantes com os mais velhos, os antigos mestres. É comum ouvirmos de capoeiristas a afirmação de que a capoeira é mais do que uma atividade, e sim uma filosofia de vida. Os capoeiristas buscam manter viva parte da sua história relativa à luta e à resistência nos tempos da escravidão. Igualmente, a capoeira tem forte não só o seu lado combativo, de luta, como também seus aspectos lúdicos e seu lado de dança e brincadeira. Enquadrá-la em uma definição única seria, para os capoeiristas, como desqualificá-la, esvaziando seu sentido de existir.

Outro aspecto importante no embate Capoeira *versus* CONFEF/CREF vem do fato de o profissional de Educação Física, ao longo de sua graduação, ter contato com a prática da capoeira por, no máximo, um ano. Ora, no mundo da capoeira, mesmo com as variações existentes de acordo com as escolas e grupos, um aluno só vira professor, só é autorizado a dar aulas, depois de muito tempo de prática, raramente antes de pelo menos cinco anos, para aqueles mais participativos. Não é difícil encontrar grupos que só autorizam seus membros a darem aulas depois de alcançadas certas etapas que, poucas vezes, são conseguidas com menos de dez anos. Portanto, a partir dessas questões, muitos capoeiristas começaram a identificar os que se filiaram aos CREFS, como capoeiristas ruins, de baixa qualidade e pouco conhecimento, discriminando alguns deles.

Apesar de grande parte dos capoeiristas se colocarem contra essa imposição do CONFEF/CREF,⁵ alguns grupos chegaram a se filiar aos Conselhos Regionais de suas respectivas cidades. Um exemplo disso é o convênio firmado entre a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), criada em 1992, e o sistema CONFEF/CREF, em 2000. A partir desse convênio, os grupos associados à CBC se viram obrigados a se filiar aos respectivos CREFS. Em sentido contrário, formou-se a Frente Unida pela Autonomia Profissional da Educação e das Tradições Populares. Essa Frente foi integrada não apenas por capoeiristas, congregando profissionais de diferentes áreas, como yoga, dança e algumas lutas marciais, que haviam sido atingidas pelas determinações do CONFEF/CREF. A partir da Frente contra as imposições dos Conselhos de Educação Física, os capoeiristas pediam a regulamentação da profissão de mestre e professor. Nesse sentido, teriam suas próprias regulamentações, não dependendo de conselhos externos aos seus grupos. Por outro lado, as tensões internas, já abordadas, impediam – e impedem – que haja uma homogeneização que culmine na futura criação de um conselho responsável por organizar e regulamentar todas as esferas da capoeira.

Com essas tensões cada vez maiores, em muitos casos culminando em processos judiciais, o Estado se viu com a responsabilidade de intervir e mediar essas relações. Nesse sentido, os mestres de capoeira têm conquistado o direito de ministrar suas aulas sem a obrigação de se filiar aos CREFS, apesar de esse ainda ser um terreno de disputas, não apresentando, até o momento, uma resolução final. A partir de textos encontrados

⁵ Nos trabalhos de campo que realizei e nas cinco entrevistas de história oral feitas com mestres de capoeira até o presente momento, todos os mestres se colocaram radicalmente contra essa imposição. Os Mestres entrevistados foram: Vilmar, Camisa, Russo e Neco; e Contra-Mestre Urubu, do Rio de Janeiro.

⁶ Integraram essa frente a Federação Abadá-Capoeira do Estado do Rio de Janeiro, a Federação de Capoeira Desportiva do Estado do Rio de Janeiro, a Liga Niteroiense de Capoeira, a Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, a Federação de Yoga do Estado do Rio de Janeiro e a Federação de Kung Fu do Estado do Rio de Janeiro, entre outras.

no Jornal *O Capoeira*,⁷ essas disputas com os Conselhos de Educação Física são entendidas como uma nova perseguição aos capoeiras, fazendo alusão ao período da Primeira República, no qual a capoeira constou como crime previsto no Código Penal. Ainda segundo o mesmo artigo, se a capoeira foi vitoriosa diante dessas perseguições do passado, ganharia novamente dessa vez, mantendo um direito há tempos conquistado pelos seus mestres, de dar aulas e fazer com que seus saberes continuem vivos.

Por mais que as determinações do CONFEEF/CREF sejam entendidas como arbitrárias pelos capoeiristas, elas guardam vínculos com momentos específicos pelos quais passou a capoeira nas últimas décadas. Durante a década de 1970, procurou-se afirmar o caráter de luta da capoeira e muitos grupos acabaram se vinculando a Federações de Pugilismo, organizando competições nesse padrão. Hoje também há competições de capoeira de inúmeros grupos, porém, tenta-se organizá-las a partir de características da própria capoeira, e não de alguma prática externa.⁸

Pode-se, ainda, perceber a origem desse entendimento da capoeira como esporte e, portanto, vinculada ao sistema CONFEEF/CREF, a partir das leituras presentes nas décadas de 1920, que procuravam afirmar a capoeira como a ginástica ou o esporte nacional por excelência. De certa maneira, o movimento iniciado na década de 1930 e as criações dos estilos Angola e Regional, resultando na institucionalização e na desportivização da capoeira, podem, igualmente, ratificar essa linha de pensamento, que vê a capoeira como um esporte apenas. Mesmo considerando o caráter

⁷ COSTA, N. L. (Mestre Soldado). Se eles são Exu, eu sou Iemanjá: a peleja da capoeira contra o Conselho de Educação Física (primeira parte). Jornal *O Capoeira*, Salvador, Bahia, ano 1, n. 4, mar.-abr. 2007. Esse é um jornal vendido na Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), localizada no Pelourinho, em Salvador, Bahia. É distribuído também no exterior, nos seguintes países: Portugal, Argentina, Chile, Bolívia, México, Itália, Espanha, França, Suécia, Dinamarca, Bélgica, Noruega, Estados Unidos, Japão e Coreia, sendo todo escrito em português.

⁸ Como exemplo, há os jogos realizados todos os anos pelo Grupo Abadá-Capoeira. Criado pelo sociólogo e ex-praticante Bernardo Conde, amigo do Mestre do grupo, Camisa, esse regulamento busca pontuar a dupla e a harmonia em seu jogo.

desportivo presente tanto na Regional quanto na Angola, essa visão meramente esportiva da capoeira desconsidera elementos que os capoeiristas, assim como os criadores dessas duas vertentes, fizeram e fazem questão de ressaltar, que é o aspecto ritual e a grande atenção dada às tradições presentes nessas práticas.

Nesse sentido, pode-se observar que, por um lado, a capoeira por si só já se mostra um terreno arenoso, complicado de se definir, no qual vivem em disputa diferentes estilos, memórias e tradições, todas almejando o posto de saber autêntico. Por outro, essas relações com órgãos externos, como é o caso do CONFEF/CREF, criam uma nova arena de disputas, nas quais tradições já consolidadas se vêem obrigadas a (re)definirem seus campos de ação e a (re)mobilizarem memórias, com a finalidade de se legitimarem e resistirem frente a novos desafios. Essas questões têm desembocado numa ressignificação do campo da capoeira e provocado mudanças, como a demanda por uma regulamentação da profissão de mestre e professor de capoeira, e, como em todo campo, por definição, encontrado resistências e adesões.

Todos os debates relativos aos acontecimentos das últimas décadas e, principalmente a disputa de mercado com os Conselhos de Educação Física, geraram movimentos oriundos do interior do próprio campo da capoeira, demandando uma regulamentação própria para esse setor. Dessa maneira, os mestres e professores de capoeira não estariam mais suscetíveis aos interesses de órgãos externos à sua prática.

Entretanto, pela grande diversidade de estilos e escolas existente, não há um consenso sobre em que termos deveria ser realizada essa regulamentação. A CBC, órgão nacional que, a princípio, deveria centralizar as decisões sobre a prática, não obtém a filiação de todos os grupos, não ocupando uma posição central nos debates sobre capoeira. O poder na capoeira é fragmentado ao redor da figura de diversos mestres. Aqueles com maior poder de agregar outros mestres e capoeiristas em seu entorno conseguem uma grande projeção, a ponto de falarem por outros grupos além dos próprios. Há ainda alguns grupos que buscam se organizar congregando interesses comuns. Esse é o caso da Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), da qual fazem parte inúmeros mestres, com sede em Salvador. Além das Federações vinculadas à CBC, existem as que são formadas

por conta própria. Esse é o caso da Federação Abadá-Capoeira. A Associação formada por Mestre Camisa, mestre de grande projeção mundial, tem uma Federação que cuida dos próprios interesses de seu grupo, sem manter qualquer espécie de vínculo com outras federações. Para além dessas questões, o movimento pró-regulamentação da profissão de mestre de capoeira continuou se estruturando.

Uma vitória dos setores que buscam essa regulamentação aconteceu em dezembro de 2008. A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados aprovou, em caráter conclusivo, o Projeto de Lei n. 7.150/02, do deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), que reconhece a prática de capoeira como profissão. O Projeto de Lei proposto em 2002 previa em seu texto original a inscrição obrigatória dos mestres na CBC. Aprovado pela Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público, o Projeto deverá passar por análise do Senado Federal. No Projeto, o capoeirista passa a ser considerado oficialmente atleta profissional, apto a participar de eventos públicos ou privados mediante remuneração. O projeto foi aprovado também com uma emenda que suprime a exigência de inscrição do mestre de capoeira na CBC.

É interessante perceber que essa vitória por parte dos capoeiristas ocorreu alguns meses após o Estado brasileiro ter reconhecido oficialmente a capoeira como parte integrante do patrimônio imaterial brasileiro, fato ocorrido em 15 de julho de 2008. Ou seja, no momento em que a capoeira conseguiu atrair grande visibilidade na mídia. A questão da profissionalização ainda não se concluiu, prosseguindo os debates acerca de quais órgãos deverão ser responsáveis por regularizar a profissão após sua regulamentação.

Sem ainda uma resolução final, os debates acerca da regulamentação da profissão de mestre e professor de capoeira continuam atraindo cada vez mais grupos interessados em ter representados seus interesses. Esse foi o caso do I Encontro de Mestres de Capoeira, realizado em Brasília em 20 de Agosto 2009, organizado pela Fundação Palmares, que objetivou traçar resoluções que pudessem ser incluídas no Projeto de Lei que regulamenta a profissão de capoeira. No entanto, apesar dessa demanda ser bastante recente, o processo de profissionalização no interior da capoeira surge com a criação das Escolas Regional e Angola nos anos 1930 e 1940. Essas, criadas na Bahia, foram as

principais responsáveis pela institucionalização e a divulgação da capoeira pelo Brasil. Esse foi um grande marco para a capoeira brasileira, e em especial para a capoeira baiana, que após os anos de repressão republicana se sobressaiu em relação à carioca.

Para se entender os processos de criação de duas das mais importantes Escolas de Capoeira do século XX, é preciso ter em mente o contexto pelo qual o país passava, por volta dos anos 1930. Além da experiência de febre esportiva, é importante considerar o que representaram, no cenário cultural, a Revolução de 1930 e as suas consequências para o Brasil. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a partir de 1930, aprofundando-se ao longo do Estado Novo, começa a ser elaborado um novo projeto de ideal de identidade nacional, tomando-se agora como referência negativa a Primeira República, enquanto o Império é analisado positivamente.⁹ Nesse novo processo, a figura do mestiço não foi vista de maneira negativa, ao contrário, “nossa coloração vira ponto de mérito”.¹⁰ Foi ressaltado o ideal de um Brasil mestiço, diferentemente das correntes evolucionistas de finais do século XIX e início do XX, que creditavam ao mestiço o “atraso” brasileiro. Segundo observa Lília Schwarcz, a ideia de cultura valorizada como representante oficial do Brasil nos anos 1930 foi a mestiça, procurando um resgate ou criação (como é o caso do balé) de manifestações “genuinamente brasileiras” em diversas esferas.¹¹ Nesse quadro, a capoeira deixou de ser considerada prática ilícita, deixando de figurar no Código Penal em 1937. No entanto, não seria qualquer capoeira a ser valorizada pelo presidente Getúlio Vargas. Nesse momento, uma capoeira “malandra” das ruas daria lugar a uma capoeira “institucionalizada”, como a capoeira criada por Mestre Bimba.

Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, como ficou conhecido, nasceu em 23 de novembro de 1899, na freguesia de Brotas, em Salvador, Bahia. Era filho de Luiz Cândido Machado,

⁹ OLIVEIRA, L. L.; VELLOSO, M. P.; GOMES, A. M. de C. *Estado Novo: ideologia poder*. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982 (Política e Sociedade).

¹⁰ PEREIRA, R. *A Formação do Balé Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 157.

¹¹ SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ex-escravo, e Maria Martinha do Bonfim, descendente de índios. Iniciou a capoeira por volta dos doze anos de idade, mas nessa época já tinha familiaridade com as técnicas do batuque,¹² uma vez que seu pai era muito famoso nessa modalidade. Após o período de dura repressão à capoeira e seu processo de domesticação, aprofundaram-se as características lúdicas da prática, enfraquecendo o lado guerreiro do jogo.¹³ Essa era uma questão que inquietava Mestre Bimba e, segundo relata Mestre João Pequeno¹⁴ em depoimento cedido no documentário *Pastinha: uma vida pela capoeira!*,¹⁵ fez com que ele criasse alternativas a esse jogo, culminando na criação da Luta Regional.

Despontando como grande lutador que vencia a todos e enfrentava quem estivesse disposto a desafiá-lo, Bimba começou a ser conhecido no cenário baiano e, aos poucos, sua fama foi ganhando outras regiões do país. Sua criação, a Luta Regional Baiana, passou a ser chamada de Capoeira Regional pela fama de grande capoeirista que ele usufruía. Bimba inovou no ensino da capoeira, criando um método que se baseava na repetição, durante os treinamentos, de algumas sequências de golpes utilizados na roda, chamadas de Sequências de Mestre Bimba.

¹² O batuque é uma mistura de dança e luta, na qual os jogadores usam as pernas para desequilibrar o adversário.

¹³ SODRÉ, M. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. 2002

¹⁴ João Pereira dos Santos, Mestre João Pequeno de Pastinha, nasceu em 27 de dezembro 1917, em Araci, interior da Bahia. Aos quinze anos, fugindo da seca, foi para o município de Mata de São João, onde permaneceu por dez anos. Lá, trabalhou em fazendas de plantação de açúcar e teve seu primeiro contato com a capoeira. Em 1937, aos 25 anos, mudou-se para Salvador, trabalhou como cobrador de bondes e na construção civil. Um de seus colegas de trabalho na construção civil, Cândido, apresentou-lhe Mestre Barbosa, que organizava treinos de capoeira com os amigos e idas às rodas de Mestre Cobrinha Verde. Em uma dessas rodas, João Pequeno, conheceu Mestre Pastinha e se inscreveu no Centro Esportivo de Capoeira Angola (Ceca). Foi pelas mãos de Mestre Pastinha que o Mestre foi formado e passou a ser chamado de Mestre João Pequeno de Pastinha. Ele e Mestre João Grande de Pastinha são considerados os principais alunos de Pastinha. Mestre João Pequeno reativou a Ceca, Academia de Mestre Pastinha fechada em 1981, e até hoje mantém sua Escola e permanece ensinando e jogando capoeira, ainda que, do alto de seus 91 anos, não com a mesma frequência.

¹⁵ PASTINHA: uma vida pela capoeira!. Direção de Antônio Carlos Muricy. Brasil, 1998. DVD (56 min), HD, son., color.

Era uma capoeira que incorporava alguns golpes que objetivavam facilitar a defesa pessoal e, ainda segundo Muniz Sodré,¹⁶ em finais da década de 1920, Bimba dizia já ter pronto seu método. Em 1932, Bimba ganhou uma permissão oficial para ministrar suas aulas em uma academia em Salvador. Ou seja, de uma prática de rua, a capoeira passou a ser ensinada em espaços específicos, antes mesmo de sua descriminalização, que ocorreria somente cinco anos depois.

Enquanto os antigos praticantes acusavam Bimba de estar descaracterizando a capoeira, ele via sua criação como um resgate de uma capoeira mais combativa. Por outro lado, ainda na Bahia, havia mestres que mantinham essa capoeira de rua, mais dura,¹⁷ em locais específicos como na Ladeira do Taboão, na década de 1920 e, mais tarde, na Gengibirra, ambos locais de encontro da nata da capoeiragem baiana em Salvador.

Com o seu método e o ensino em academias, Mestre Bimba promoveu uma institucionalização da capoeira e, ganhando fama, chamou a atenção do então presidente Getúlio Vargas, que assistiu a apresentações suas e de seus alunos. Bimba fez outras apresentações nas instalações do governo da Bahia, o que indica o seu prestígio na época. Conforme estabelece Carlos Eugênio Soares no documentário de Muricy, Vargas, ao sentir a força da capoeira com a grande expansão na sociedade, baixou um decreto que a tirou da ilegalidade. A capoeira escolhida por Getúlio, nesse sentido, seria a Regional, que mais se adequaria ao projeto de disciplina do homem estabelecido no Estado Novo.¹⁸ Pode-se entender a inclinação de Vargas em apoiar e conceder alvarás de funcionamento para a capoeira de Bimba, levando-se em consideração o esforço do Mestre para desvincular a sua capoeira do estigma da malandragem. Em sua Academia, Bimba conduzia suas aulas com bastante disciplina, contrariando a lógica da capoeira como uma prática de malandros e vagabundos, desregrada. Além disso, na parede de sua Escola, Bimba afixava

¹⁶ SODRÉ, *op. cit.*

¹⁷ Essa nomenclatura é utilizada atualmente por muitos capoeiristas e significa um jogo mais combativo, que visa à eficiência marcial.

um código de condutas, com indicações do que cada um de seus alunos poderia ou não fazer, não só durante os treinamentos, mas também fora deles. Seus alunos também ressaltam que Bimba só aceitava em sua academia os que fossem trabalhadores ou, de maneira geral, pessoas que tivessem uma ocupação, como os estudantes que posteriormente passaram a fazer parte de sua Escola. Mestre Bimba também buscava liberação oficial para as suas apresentações, contrariando a ideia de capoeira como uma prática desordeira que predominava no período. Apesar disso, o jornal *A Tarde* noticiou, na década de 1920, que Bimba, cercado por alguns policiais, conseguiu escapar depois de eles terem apanhado do Mestre. É preciso ressaltar que essa atitude do presidente foi possível, em parte, graças à mudança na visão da sociedade com relação à capoeira. Após a repressão republicana inicial, os capoeiras deixaram de figurar em jornais e crônicas como capangas eleitorais ou desordeiros, e a capoeira começou a ser vista como um traço lúdico de nossa cultura.¹⁹

Bimba tinha entre seus alunos jovens tanto da classe média quanto das classes mais baixas, aos quais buscava ensinar a se defender. A academia que o Mestre criou levava o nome de Academia de Luta Regional Baiana — justamente de onde se tirou o nome Capoeira Regional — e fez tanto sucesso que, em 1942, Bimba já instalava seu segundo local de treinamento. Frente à grande repercussão de seu estilo, assistiu-se a um movimento contrário dentro da capoeira: os antigos praticantes, anteriores à criação da Regional, começaram a marcar a diferença quanto à capoeira que praticavam, nomeando-a de Angola. Denominando dessa maneira a sua prática, demarcando seus vínculos com a tradição africana, buscavam afirmar que eles sim jogavam a verdadeira capoeira. Com isso, buscavam deslegitimar o novo estilo, afirmando que não podia ser entendido como capoeira.

Por mais original que seja a capoeira criada por Bimba, é um produto datado, marcado por um contexto histórico pelo qual passava nosso país. Igualmente é a Capoeira Angola, que tem

¹⁹ PIRES, A. L. C. S. *A Capoeira no Jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. 1996. 258 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1996

como um de seus representantes mais expressivos Mestre Pastinha, que também passou a ministrar aulas em sua própria instituição de ensino, intitulada Centro Esportivo de Capoeira Angola (Ceca).

Vicente Ferreira Pastinha nasceu em Salvador, na Bahia, em 5 de abril de 1889. Filho de uma mulata baiana e de um comerciante espanhol, aprendeu capoeira ainda na infância, por meio dos ensinamentos de um africano chamado Benedito, buscando aprender a se defender depois de muito apanhar de um menino de seu bairro. Aos doze anos de idade entrou, em Salvador – onde morou a vida toda –, na Escola de Aprendizagem de Marinheiro e, posteriormente, na Marinha, lá permanecendo até os vinte anos. Em 1910 deu baixa e começou a dar aulas de capoeira em um espaço onde funcionava uma oficina de ciclistas. Ainda na Marinha, teve contato com esgrima, florete e ginástica sueca, de modo que conheceu outros estilos de luta que não a capoeira. A Capoeira do Mestre Pastinha foi mais valorizada por folcloristas e intelectuais da época do que pelo governo,²⁰ que privilegiou a Capoeira Regional. Paralelamente à sua atividade como professor de capoeira, Pastinha realizava outros ofícios, trabalhando em pequenos serviços como pintor e marceneiro, por exemplo. Em 1922, começou a ensinar em um local que ficava perto de uma pensão de estudantes universitários, o que fez com que muitos desses jovens de camadas mais altas passassem a frequentar suas aulas – fato ressaltado por Pastinha em muitas entrevistas. Quase vinte anos depois, em 1941, já identificado como praticante de Capoeira Angola, tornou-se responsável por uma academia, a Ceca. Juntamente com Bimba, Pastinha foi um dos primeiros a legalizar a sua escola de capoeira, conforme nos mostra Vassalo.²¹ Ao denominar sua escola de treinamento de Centro Esportivo, Pastinha inovou, colocando a Capoeira Angola,

²⁰ Tal foi o caso de Édison Carneiro, que, em seus Cadernos de Folclore, resalta a capoeira de Pastinha e de Samuel Querido de Deus, por exemplo, em vez da capoeira de Bimba, que não será sequer mencionada. Em parte, isso se dará pelo caráter marcadamente marcial de sua capoeira. Outros exemplos da amizade de Mestre Pastinha com intelectuais remetem ao escritor Jorge Amado e ao artista plástico Hector Carybé.

²¹ VASSALO, S. P. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 106-124, 2003.

que seria por ele e por seu grupo identificada como a mantenedora de uma tradição autêntica, como esporte. Pastinha tinha nítido um objetivo que ele mesmo declararia anos mais tarde: organizar a capoeira.

Pastinha também acabou criando um uniforme que até hoje é identificado como de angoleiros,²² composto pela calça preta e camisa amarela, cores do time de futebol do Mestre, o Sport Clube Ypiranga. Ao longo de sua vida, Pastinha estabeleceu laços de amizade com importantes intelectuais que muito o ajudaram na tarefa de projetar sua imagem, como o escritor baiano Jorge Amado, o pintor argentino Hector Carybé e o fotógrafo e etnógrafo francês Pierre Verger. Em depoimento no documentário de Muricy, citado anteriormente, Jorge Amado afirma que da “nossa cultura mestiça”, duas coisas tiveram grande importância no país: o candomblé e a capoeira (Angola). O apoio desses intelectuais (em geral, de esquerda) a Pastinha pode ser explicado dentro do contexto ao qual estavam ligados: buscavam uma manifestação pura, em detrimento de práticas modificadas e, portanto, sem autenticidade. Eles também foram importantes para a divulgação da nomenclatura Angola na sociedade, colocando-a como um ideal de pureza em detrimento da criação de Bimba.

Ambos os Mestres tinham um projeto de organização da capoeira, que antes era identificada como “coisa de malandros”, nas palavras do etnógrafo francês Pierre Verger no documentário supracitado.²³ A visão de organização de Pastinha tornou-se fundamental na ação de se contrapor ao grande crescimento da Capoeira Regional e, talvez por isso, os outros mestres aceitaram a posição de liderança de Pastinha. Este, por sua vez, buscava a diferença com a Regional não só pelo caráter de ancestralidade da prática, mas afirmando que a Capoeira Angola buscava desenvolver a mente e o corpo, e que o angoleiro deveria “conhecer o ritual, saber

²² Diz-se angoleiro o praticante da Capoeira Angola. Seus praticantes formam um grupo tão fechado e com uma identidade de grupo tão forte que criaram essa terminologia para se diferenciarem dos outros praticantes de capoeira. O mesmo não existe pelo lado da Capoeira Regional ou de outros estilos, seus praticantes se chamam por uma denominação mais geral, capoeiristas.

²³ PASTINHA: uma vida pela capoeira!, *op. cit.*

brincar e ser malicioso muito mais do que ter uma simples eficiência marcial dos golpes”, enquanto a Regional, nessa visão, teria objetivos puramente marciais. Com relação ao estilo criado por Bimba, é característica reconhecida por quase todos seus ex-alunos que, na Escola da Regional, havia uma grande preocupação em afirmar a capoeira como luta, o que acabava fazendo com que ela aparecesse, às vezes, como uma prática violenta. Por outro lado, Bimba, nas palavras de seus ex-alunos, era categórico em afirmar que o capoeirista deveria saber perder e não se empenhar em uma briga ou luta na qual não tivesse chances, não incitando práticas de valentia desmedida.

Nas décadas seguintes, pela grande concorrência na Bahia entre as casas de capoeira que realizavam apresentações e recebiam turistas, alguns capoeiristas começaram a deslegitimar a Capoeira de Pastinha, afirmando que ele seria não mais que uma invenção da mídia e de seu amigo Jorge Amado. O Mestre, já parcialmente cego nessa época (após um derrame) continuava a jogar e a ministrar aulas.²⁴ Porém, essa “onda” de boatos sobre a falta de qualidade de sua capoeira afastou muitos turistas de sua academia, diminuindo suas possibilidades econômicas. Em 1979, muito doente, o Mestre parou de ministrar aulas e seria novamente o amigo Jorge Amado que o ajudaria. Depois de muito insistir, conseguiu uma pequena pensão para que o Mestre pudesse pagar ao menos seus remédios. Dois anos depois, o famoso Mestre de capoeira morreu em um asilo, completamente cego e na mais absoluta miséria. Sua última mulher conta que, após recusar o caixão de indigente que o Governo da Bahia havia mandado para o enterro de Pastinha, só conseguiu pagar um caixão decente a custa de muitas vendas de acarajé.²⁵

O destino de Mestre Bimba também não foi muito diferente. Após o declínio do sucesso de sua criação, Bimba se

²⁴ Seus alunos contam que nas rodas eles não chegavam muito perto do Mestre, mesmo ele já cego. Perguntados se faziam isso em respeito, eles respondiam que não só por isso, pois se chegassem muito perto o Mestre sentiria e então, provavelmente, eles seriam atingidos.

²⁵ PASTINHA: uma vida pela capoeira!, *op. cit.*

viu igualmente em um estado de pobreza. Tanto é que, na década de 1970, a convite de um de seus ex-alunos, Oswaldo,²⁶ Bimba se mudou para Goiânia, em busca de melhores condições de vida. Pouco tempo depois, no ano de 1974, a 5 de fevereiro, Mestre Bimba morreu após um derrame.

Apesar da falta de sucesso econômico desses dois grandes ícones da capoeira, suas criações fazem sucesso até os dias de hoje. Além disso, as Capoeiras Regional e Angola inauguraram uma nova era que guarda relações com os pedidos pró-regulamentação da profissão de capoeira. Sem compreender o que significaram as criações dessas duas Escolas na primeira metade do século XX, dificilmente será possível entender o panorama atual da prática.

Com a criação da Regional e, posteriormente, da Angola, a capoeira deixou de ser uma prática aprendida de oitiva, como diziam os antigos mestres sobre o processo de aprendizagem na capoeira até então. Ou seja, ao assistir outros capoeiras jogarem nas rodas, os novos praticantes iam tentando fazer os golpes, aprendendo capoeira ao jogarem nas rodas ou, quando muito, pediam para algum camarada ensinar esse ou aquele movimento. Mestre Bimba, como já citado, criou um método de ensino em que, à medida que o aprendiz consegue realizar as sequências de golpes em dupla, é colocado em prática na roda, em algum jogo. Além disso, tanto no caso da Capoeira de Bimba quanto da de Pastinha, fala-se em Escolas, mostrando claramente que é a partir desse momento que se efetiva uma institucionalização da prática. Ambos os ícones são vistos como Mestres e, como tal, devendo ter discípulos e/ou alunos.

O formato da capoeira apresentou drásticas mudanças nesse momento: de uma prática de rua, aprendida sem nenhum tipo de profissionalismo, vista como momento de lazer e/ou defesa de seus praticantes, passou a ser ensinada em locais fechados, com cobrança de mensalidades. Por mais que as Escolas

²⁶ Oswaldo tornou-se mestre de capoeira e é considerado um dos primeiros divulgadores da capoeira no estado de Goiás. Faleceu recentemente, em maio de 2009. Sua figura acabou se tornando polêmica no meio da capoeira. Alguns viam nele o culpado pela morte de Mestre Bimba, já outros viam nele o amigo que estendeu a mão para Bimba em um momento de grande dificuldade financeira.

baianas sempre tenham tido turmas pequenas, até mesmo nos dias de hoje, se comparadas às academias de Rio de São Paulo, por exemplo, o processo de criação de um mercado de aulas de capoeira teve seu *start point* na Bahia daquele período. Antes de Bimba e Pastinha, não se tem notícias de capoeiristas que tenham conseguido se sustentar a custa do ensino e da apresentação de capoeira. No mais, eram estivadores, seguranças, entre outras tantas ocupações, que, em seus momentos de lazer, jogavam capoeira ou iam para a vadiagem, como era a nomenclatura corrente no período.

Por mais que ambos tenham morrido na mais absoluta miséria, é com eles que a capoeira pode ser entendida como uma atividade mais próxima dos esportes modernos, construindo um campo específico de ação. O processo de profissionalização e criação de um mercado de capoeira, seja com aulas, cursos, instrumentos e outros produtos culturais os mais diversos atrelados a ela, sem dúvida alguma sofreu grande aprofundamento nas últimas décadas. Entretanto, seu ponto de partida, que marcou intensamente a manifestação em questão, foram as criações dos Mestres Bimba e Pastinha, provocando mudanças radicais na história da prática e na maneira pela qual os próprios praticantes enxergam sua arte. Nesse sentido, por mais surpreendente que a demanda pró-regulamentação da profissão de mestre e professor de capoeira possa parecer a um leitor leigo no assunto, esse é um processo que foi se conformando aos poucos, desde a década de 1930 e que, com o passar dos anos, foi incorporando novos elementos que complexificaram as questões aqui levantadas.

CAPOEIRA AND THE WORLD OF LABOR: DISPUTES AROUND THE PROFESSIONALIZATION

ABSTRACT

Nowadays, Capoeira is disseminated by several Brazilian social groups, being present in over 150 countries. All development and growth of capoeira (sportive or not) caught the attention of several groups interested in sharing the glories of this moment, which led to discussions on the regulation of its teaching. This paper analyzes the bumps on the professionalization of capoeira, considering the interests of various social groups active in this process: Schools and groups of capoeira, often with different projects to the practice, the Brazilian State and National and Regional Physical Education Councils, among others. Despite being a new demand of the *capoeiristas*, it deals with various historical moments bringing a close relationship with the 1930s and '40s, when they created the Regional and Angola Schools, reporting to an institutionalization of the practice.

KEYWORDS

Capoeira; Professionalization; History.



[Capoeira, escola do crime. Foto de autoria de Jean Manzon, publicada na revista *O Cruzeiro*, Rio e Janeiro, 1. fev. 1947, p. 13]. (Coleção CPDS, R/0566, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, SP.)